

Estudo dos Enquadramentos sobre Mudanças Climáticas no Jornal Brasileiro *Gazeta do Povo*

Study of Frames on Climate Change in the Brazilian Newspaper Gazeta do Povo

ELOISA BELING LOOSE, MYRIAN DEL VECCHIO DE LIMA E ANABELA CARVALHO¹

Resumo

Este artigo analisa os enquadramentos nas notícias divulgadas em 2013 sobre mudanças climáticas no jornal brasileiro *Gazeta do Povo* (o de maior circulação no estado do Paraná, sul do País). Tal estudo compreende uma das etapas da pesquisa de doutorado que busca compreender como os riscos climáticos são percebidos pelos diferentes atores sociais que estão relacionados ao circuito da notícia.

A análise dos enquadramentos permitiu verificar que os destaques dados pelos jornalistas às informações sobre mudanças do clima estão atrelados predominantemente aos riscos, embora haja também com frequência notícias que ressaltam a questão do enfrentamento e da responsabilização, muitas vezes juntas. Os frames relacionados à certeza e à incerteza científicas são minoritários. Em relação ao macroenquadramento, houve predominância do científico, sendo seguido do político. As divulgações de pesquisas e relatórios científicos são os principais desencadeadores de notícias sobre o assunto em questão. Mesmo se tratando de um jornal estadual, a *Gazeta do Povo* apresenta majoritariamente as mudanças climáticas como um fenômeno global, com poucas interligações com o local/regional. Além disso, o fato de no 2º semestre terem ocorrido eventos sobre o tema aumentou o número de notícias, mas não alterou de forma significativa os enquadres dados pelos jornalistas deste diário.

Palavras-chave: Enquadramentos; mudanças climáticas; riscos; *Gazeta do Povo*

Abstract

This paper analyzes news frames about climate change in the Brazilian newspaper *Gazeta do Povo* (with the largest circulation of Paraná, southern Brazil) during the year of 2013. This study corresponds to one of the stages of a doctoral research project that seeks to understand how climate risks are perceived by different social actors that are involved in the news circuit.

Frame analysis shows that most highlight goes to risks associated with climate change, although there are also frequently news that give salience to the themes of coping and responsibility, which often come together. Frames related to scientific certainty and uncertainty are a minority. An analysis of macroframes indicates a predominance of a scientific macroframe, followed a political one. Public presentation of research results and scientific reports are the main triggers of news. Even though it is a regional newspaper, *Gazeta do Povo* mostly represents climate change as a global phenomenon, with few linkages to the local / regional level. The fact that key events related to climate change occurred in the 2nd semester of 2013 increased the number of news, but did not alter significantly the framings used by journalists in this newspaper.

Keywords: Frames; climate changes; risks; *Gazeta do Povo*

¹ Universidade Federal do Paraná, Brasil; Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, campus de Gualtar, Universidade do Minho, Braga., Portugal. Endereços eletrônicos: eloisa.loose@gmail.com; myriandel@gmail.com; carvalho@ics.uminho.pt

1. INTRODUÇÃO

Com o propósito de verificar como as mudanças climáticas (MCs) são apresentadas pelo jornal *Gazeta do Povo*, o de maior circulação no estado do Paraná² (segundo informações do Instituto Verificador de Circulação - IVC), este trabalho analisa os enquadramentos nas notícias publicadas sobre o tema no ano de 2013. A escolha deste jornal ocorreu, principalmente, porque a proposta de pesquisa de doutorado³, no qual este texto se insere, está centrada na percepção dos atores sociais vinculados ao circuito das notícias sobre mudanças climáticas em Curitiba, capital do estado do Paraná. Em razão do enfoque nas articulações de tais atores com o local, fez-se imprescindível debruçar-se sobre o trabalho jornalístico realizado no estado e, sobretudo, na sua capital. O estudo consiste em uma das etapas metodológicas da pesquisa que busca compreender como os riscos climáticos são percebidos pelas fontes de informação, jornalistas e leitores. A análise das notícias (materialidade deste circuito) visa verificar quais são os destaques e/ou saliências dados pelos jornalistas às informações sobre mudanças climáticas.

A partir da teoria do enquadramento (ou teoria do *framing*), busca-se perceber quais são as ideias mais salientes a respeito do tema em questão na cobertura da *Gazeta do Povo*. Afinal, o *frame* ou enquadramento gera formas diferentes de ver a realidade, relacionando-se com a estruturação do discurso (Carvalho, 2000b). As visões de mundo oferecidas pela mídia por meio da elaboração de notícias são repercutidas em grandes públicos, colaborando para que certos significados (mais que outros) se enredem no cotidiano das pessoas. Assim, utiliza-se o conceito de enquadramento para observar o que se sobressai na construção discursiva das notícias.

A noção de enquadramento adotada neste trabalho está relacionada ao entendimento de Entman (1993) que atrela os *frames* jornalísticos diretamente aos textos, e usa o verbo *to frame* para indicar a seleção de alguns aspectos da realidade percebida e fazê-los mais proeminentes em um texto, de maneira a promover definições particulares de um problema, interpretações causais, avaliações morais e/ou recomendações para o tratamento do assunto descrito. Soares (2009) destaca que para Entman (1993) a repetição, a associação reforçada e a focalização tornam o enquadramento uma interpretação básica mais memorável do que outras. Assim, os fatores fundamentais do enquadramento são a seleção e a saliência de certos aspectos da realidade, o que promove uma interpretação causal e/ou uma avaliação moral. Porto (2007), também a partir de Entman, caracteriza o enquadramento como uma “ideia central organizadora”, lembrando que ela é capaz de tipificar, diagnosticar, avaliar

2 O jornal *Gazeta do Povo* pertence ao Grupo Paranaense de Comunicação (GRPCom), o maior grupo de comunicação do estado do Paraná. É um jornal tradicional (já tem 94 anos de história) e líder de circulação no estado. Conforme levantamento de 2013 da Associação Nacional dos Jornais (ANJ), a *Gazeta do Povo* tem uma média de circulação paga por ano de 41.235 exemplares, o que lhe dá o posto de 29º maior jornal do Brasil, em termos de circulação.

3 A pesquisa de doutorado citada está sendo desenvolvida por Eloisa Beling Loose, no âmbito do programa interdisciplinar em Meio Ambiente e Desenvolvimento da Universidade Federal do Paraná, e orientada pelas professoras Myrian Del Vecchio de Lima e Anabela Carvalho. A conclusão do trabalho está prevista para o início de 2016.

e até prescrever. Carvalho (2000b: 145) assinala que “um ‘frame’ é visto, por muitos pesquisadores, como uma ideia central que subjaz e orienta a construção de textos”. De forma similar, Soares (2009) diz que o conceito tem sido usado para analisar como certas informações são selecionadas, destacadas ou omitidas.

Dessa forma, ao analisar o tipo de enquadramento que é mais recorrente nas matérias da *Gazeta do Povo*, busca-se encontrar saliências que, provavelmente, contribuirão na forma como o público leitor irá compreender as mudanças climáticas. Na pesquisa realizada pela Agência de Notícias dos Direitos da Infância (Vivarta, 2010), chamada “Mudanças climáticas na imprensa brasileira: uma análise comparativa de 50 jornais nos períodos de julho de 2005 a junho de 2007- julho de 2007 a dezembro de 2008”, a análise do enquadramento foi utilizada buscando mostrar de que tipo eram os enfoques principais das matérias. Como resultado, a investigação revela:

Como era de se esperar, o enquadramento ambiental acabou predominando (exceto para os jornais econômicos), contudo, a perspectiva econômica/financeira também recebeu um expressivo destaque, sendo a segunda mais frequente no conteúdo pesquisado –alavancada, principalmente, pelos jornais econômicos, pelos debates sobre energia e por colonistas que deram destaque ao tema. O terceiro enquadramento mais comum foi aquele relacionado à perspectiva política. Somente depois aparece a abordagem de cunho científico, resultado que certamente contradiz a idéia de que esse é um debate restrito aos especialistas no assunto (Vivarta, 2010: 49).

Na mesma pesquisa, o enquadramento em relação ao risco e à prevenção foi investigado. A constatação é que houve uma evolução de uma cobertura mais catastrófica para outra de caráter mais preventivo com o passar dos anos.

Painter (2013) também fez sua análise das notícias sobre mudanças climáticas a partir de enquadramentos. Em sua investigação ele analisou cerca de 350 notícias sobre as coberturas dos relatórios do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC, na sigla em inglês) e do degelo do Oceano Ártico, de seis países diferentes – Austrália, França, Índia, Noruega, Reino Unido e Estados Unidos –, buscando verificar como as incertezas, os riscos e as oportunidades deste fenômeno eram ditas e/ou ressaltadas. Sua pesquisa demonstrou que as mensagens dominantes são ainda aquelas que remetem aos desastres, remetendo aos riscos das mudanças do clima, ou incertezas, relacionadas ao debate entre a maioria dos cientistas que acreditam que o fenômeno esteja ocorrendo e que a ação antropogênica é contributiva *versus* aqueles que discordam desta posição.

Em consonância com o estudo de Painter (2013), aqui se propõe verificar os enquadramentos das notícias publicadas pensando na relação risco *versus* prevenção e certeza *versus* incerteza científica. Ressalta-se que o termo ‘certeza’ é utilizado como uma simplificação da linguagem. Cientificamente esta questão é tratada em termos de confiança e de probabilidade. Quando há menção da ‘certeza científica’ no texto, remete-se a um elevado grau de consenso no conhecimento científico. Também observam-se enquadramentos atrelados aos temas de enfrentamento e de responsabilidade. Tais escolhas são motivadas pelos objetivos da pesquisa de tese citada

em averiguar as percepções de riscos climáticos dos atores sociais envolvidos no circuito das notícias e como estas corroboram ou não possíveis ações de governança.

2. NOTAS SOBRE A TEORIA DO ENQUADRAMENTO

A teoria do enquadramento possui diferentes perspectivas e múltiplos usos sendo, por isso, essencial que se apresente de forma clara e fundamentada a linha teórica escolhida. Carvalho (2000b) aponta duas abordagens gerais vinculadas à noção de *frame*: 1) como modalidades pelas quais os sujeitos organizam sua cognição do mundo; 2) como formas ligadas à estruturação discursiva. A primeira delas estaria mais ligada à própria maneira como cada um organiza e reconhece as mensagens a partir de esquemas de interpretação; já a segunda está relacionada a uma “ideia de fundo”, a uma ideia subjacente que perpassa a construção do texto.

Fabrino Mendonça e Simões (2012) também trazem uma diferenciação sobre as possibilidades de se utilizar a teoria dos *frames*. Para estes autores, o enquadramento pode ser utilizado: 1) na análise da situação interativa, como fez Goffman nos seus estudos de interação face a face, no qual o enquadramento se aproxima do sentido de contexto; 2) na análise de conteúdo discursivo, no qual o *frame* é procurado no conteúdo como uma espécie de ângulo que valoriza alguns aspectos em detrimento de outros; e 3) na análise de efeitos estratégicos (*framing effects*), no qual se evidencia o viés construído pelo enunciador a partir da ideia de que há uma intenção de influenciar aquilo que está sendo dito.

Carvalho (2000a) percebe que as interdependências entre as diferentes abordagens são evidentes, já que os *frames* entendidos enquanto estruturas mentais são adquiridos no processo de socialização e sua transmissão ocorre por meio de práticas discursivas. Também na socialização, *frames* culturais são repassados, e estes só se materializam por meio do discurso. Logo, há uma nítida relação entre as diferentes abordagens que acabam por se diferenciar ao enfatizar dado aspecto do processo. Fabrino Mendonça e Simões (2012) também falam da complementaridade entre as diferentes linhas de pensamento expostas, lembrando que toda perspectiva possui contribuições e riscos, e que a maneira como se articulam as várias abordagens deve se cercar de cuidados conceituais e metodológicos para não existir conflitos entre os paradigmas adotados.

Há outros autores que se preocupam com a delimitação e estudo das abordagens atreladas à teoria do enquadramento, como D'Angelo (2002) que refuta a perspectiva de Entman (1993) de que o paradigma do enquadramento é único e discute sua aplicação a partir de três abordagens da comunicação (cognitiva, construcionista e crítica), chegando à conclusão de que há uma mistura ou combinação de teorias sobre esta noção.

Neste texto, no qual nos propomos analisar as notícias do jornal *Gazeta do Povo*, utilizamos a noção de *frame* como operacionalizadora de uma Análise de Conteúdo, conforme já fez Painter (2013) em uma pesquisa com objetivos semelhantes. Ao invés de nos determos sobre a forma como o público empreende estes enquadramentos

como esquemas de interpretação, o foco de interesse da análise é verificar como a notícia é apresentada. Assim, aproximamo-nos da segunda compreensão de Carvalho (2000a), de que o enquadramento está relacionado à estruturação discursiva, e da segunda linha apontada por Fabrino Mendonça e Simões (2012), onde os *frames* são utilizados na análise de conteúdo discursivo.

3. ANÁLISE DOS ENQUADRAMENTOS NO JORNAL *GAZETA DO POVO*

As notícias analisadas neste artigo foram coletadas no ano de 2013, no qual ocorreram pelo menos três acontecimentos que motivaram a elaboração de notícias sobre o tema mudanças climáticas concentrados no 2º semestre: foram divulgados o 1º Relatório Brasileiro de Mudanças Climáticas⁴ e o 5º Relatório do Painel Intergovernamental das Mudanças Climáticas, e foi realizada a 19ª Conferência das Partes (COP-19) da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima. O mapeamento das notícias sobre o tema foi realizado por meio de busca no website do jornal (que disponibiliza a íntegra do conteúdo apresentado no jornal impresso) por meio das seguintes expressões: *clima, mudanças climáticas, COP-19, IPCC, PBMC, emissões, aquecimento global e Bioclima* (nome do programa estadual dedicado à conservação e ao clima). Artigos de opinião e comentários dos leitores foram desconsiderados, tendo em vista que o objeto da investigação são os *frames* utilizados pelos jornalistas para tratar do tema. Assim, foram encontradas 21 notícias ou reportagens que apresentavam relação com o assunto no primeiro semestre de 2013 e outras 51 no segundo, totalizando um *corpus* de 72 textos. Esclarece-se que mais notícias foram encontradas a partir da busca apresentada, mas algumas delas foram excluídas deste *corpus* por apresentarem um sentido diferente e distante do tema desta pesquisa, ou ainda porque sua menção se mostrou periférica no contexto da informação. Ainda é preciso apontar que muitas matérias sobre o tempo e prejuízos trazidos por chuvas e/ou queimadas apareceram, especialmente quando se fez a busca com a palavra 'clima'. Porém mantiveram-se para a análise apenas aquelas que apresentavam alguma relação com a ideia de mudança climática explicitamente. Logo, após a seleção por meio do buscador do jornal houve uma segunda triagem atentando para a temática precisa da notícia e só permaneceram aquelas com claras evidências de que se encaixavam no escopo da pesquisa.

Como já dito, a análise destas notícias será feita a partir da teoria do enquadramento, que originalmente buscava compreender o modo como os homens conheciam seu entorno social e lhe outorgavam significado, e que, nos dias de hoje, passa obrigatoriamente por uma leitura do que sucede no mundo por meio da mídia (Sábada, 2007) já que os meios de comunicação tornaram-se centrais nas sociedades contemporâneas. Por meio da observação das notícias, atentando para a seleção e composição (Carvalho, 2000b), compreende-se o *frame* como um mediador da

⁴ Este relatório foi organizado pelo Painel Brasileiro de Mudanças Climáticas (PBMC) nos moldes do IPCC. O papel do PBMC é reunir, sintetizar e avaliar informações científicas sobre os aspectos relevantes das mudanças climáticas no Brasil.

relação do leitor com o mundo. Desta forma, detectar as predominâncias, ausências e modos de dizer das notícias nos dá pistas de como a *Gazeta do Povo* “reelabora” os fatos para seus públicos.

As categorias construídas e utilizadas nesta análise coincidem com os eixos centrais de investigação da tese de doutorado em questão, ou seja, estão afinadas com a hipótese de que os riscos climáticos, as certezas e incertezas científicas se fazem presentes no discurso da *Gazeta do Povo*, assim como a questão do enfrentamento da situação apresentada, relacionada à prevenção e a da responsabilização de quem deve agir. Sublinha-se que estes dois últimos enfoques estão interligados, de forma ampla, à governança das mudanças climáticas. As notícias foram analisadas separadamente por semestres, justamente para se comparar a possível diferença entre um período sem acontecimentos programados sobre o tema (1º semestre) e outro com divulgação de relatórios científicos e a COP-19 (2º semestre).

A primeira etapa da análise de enquadramento centrou-se em verificar dois aspectos mais gerais das notícias encontradas sobre mudanças climáticas: o enfoque amplo da notícia ou macroenquadramento – que é percebido pela perspectiva com a qual o tema é apresentado e, muitas vezes, pelos próprios atores sociais que são entrevistados – e a abrangência da notícia – perceber se o fato noticiado tem alcance local/regional, nacional ou global. Os macroenquadramentos encontrados foram basicamente quatro: 1) científico (no qual as notícias partiam de divulgação de estudos e pesquisas e/ou ainda as fontes que aparecem são oriundas do campo da ciência, colocando em ênfase as preocupações típicas deste lugar de fala); 2) político (onde os atores sociais envolvidos debatem e divulgam ações sobre o que fazer em relação às mudanças climáticas ou ainda há reivindicações sociais sobre o enfrentamento do problema); 3) econômico (onde a noção de oportunidade de negócio ou de contabilização de prejuízos em relação às mudanças do clima é o aspecto central da notícia) e 4) do desastre (no qual a intensificação dos eventos extremos vão ao encontro do cenário estabelecido pelos cientistas sobre mudanças climáticas, ainda que a ciência não consiga estabelecer a ligação efetiva entre o acontecimento isolado e as MCs).

O gráfico abaixo mostra a distribuição das 72 notícias atreladas a este tema que foram publicadas na *Gazeta do Povo*:

Nota-se que os macroenquadramentos mais recorrentes se repetem, independentemente do semestre analisado. Ao total, contabilizam-se três macroenquadramentos atrelados aos Desastres, três Econômicos, 31 Políticos e 35 Científicos nas notícias publicadas em 2013.

Mesmo se as três notícias sobre a discussão político-econômica sobre os recursos a serem investidos no enfrentamento das mudanças climáticas (tratados durante a COP de Varsóvia), que foram inseridas na análise no macroenquadramento político, mudassem para o econômico, a recorrência pelo enfoque científico, seguido do político continuaria a predominar. Durante o ano de 2013, das 72 notícias encontradas sobre mudanças climáticas, 35 apresentam a perspectiva científica

como predominante, ou seja, quase metade do total. Poderíamos, *a priori*, inferir que isso seja em razão da divulgação do 1º relatório brasileiro sobre o tema e do 5º divulgado pelo IPCC. Porém a divulgação de tais documentos gerou um total de 13 notícias, o que significa que 22 outras com o olhar científico foram produzidas em outros momentos, relacionando-se com pesquisas diferentes.

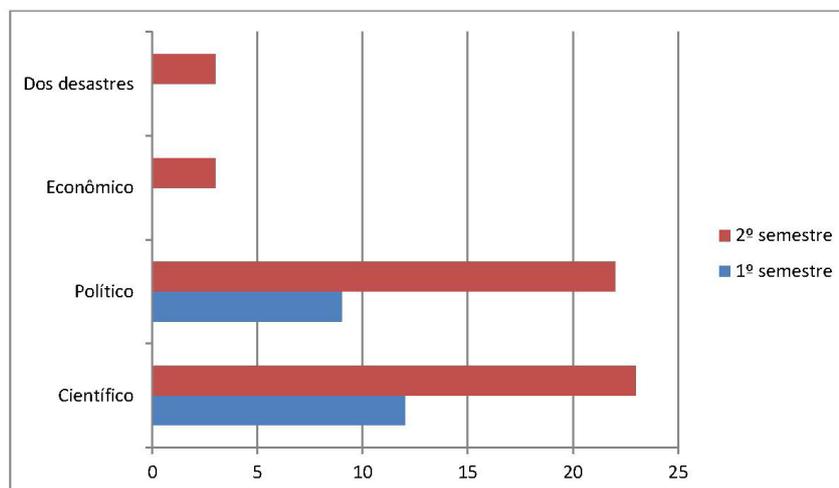


Gráfico 1: Macroenquadramentos das notícias analisadas

Além disso, esse número (as 22 notícias com macroenquadramento científico derivadas dos períodos de não divulgação dos relatórios) apenas se iguala ao total de textos com macroenquadramento político publicadas no 2º semestre (22), mesmo com a COP, um evento internacional que se desenvolve por duas semanas e recebe cobertura diária das agências de notícias. Isso é relevante expor pois, do número total de notícias (72), apenas 13 apresentam assinatura de jornalistas atrelados ao Grupo de Comunicação ao qual pertence o jornal *Gazeta do Povo* (6 no primeiro semestre e 7 no segundo). Com exceção de três notas que não apresentam assinatura, todos os demais textos deste *corpus*, ou seja, 56 são oriundos de agências de notícias nacionais ou internacionais. Esse grande aproveitamento de material realizado longe do local da redação se reflete no distanciamento com que o tema é apresentado em relação à situação local/regional e até mesmo nacional no que diz respeito às mudanças climáticas. Tal aspecto pode ser correlacionado com o fato de a maioria das notícias do *corpus* ser proveniente de agências que produzem materiais mais genéricos a fim de serem aproveitados no maior número de veículos possível. O gráfico abaixo evidencia que, mesmo se tratando de um jornal estadual, que possui alcance maior na capital, Curitiba, o tema é apresentado em termos globais, geralmente sem relação com o local:

O enquadramento global com alguma menção nacional aparece de forma mais recorrente nas matérias da COP-19, evento do segundo semestre no qual o Brasil apresentou proposta sobre medição da responsabilidade histórica dos países na emissão de gases de efeito estufa, e que foi criticada pelos países chamados desenvolvidos. Havia então um assunto específico brasileiro, dentro do contexto global

da COP, que permitia o que o jornalismo chama de ‘gancho’ para explorar algo mais próximo da realidade brasileira.

Durante o ano da análise, a *Gazeta do Povo* publicou 39 notícias de abrangência global, 13 voltadas para o global, mas com menção ao nacional ou regional, 12 com perspectiva nacional e 8 com abrangência regional e/ou local. As matérias que enquadram as MCs sob a perspectiva local e, conseqüentemente, aproximam a realidade do leitor com a questão, são as menos frequentes.

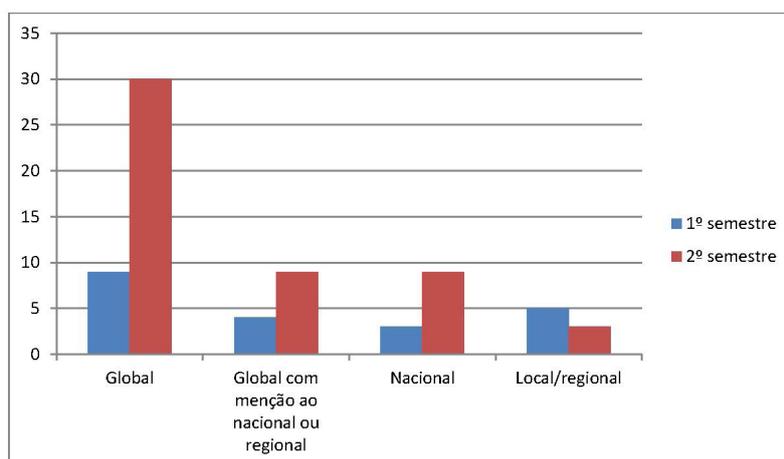


Gráfico 2: Abrangência do conteúdo das notícias analisadas

Ao pensar especificamente nos enquadramentos sobre riscos, certeza e incerteza científica, enfrentamento e responsabilização, a segunda etapa da pesquisa foi realizada a partir dos seguintes indicadores, inspirados no trabalho realizado por Painter (2013), que levam em conta a ênfase sobre os elementos do texto jornalístico (título e *lead* do texto):

Enquadramento	Definição	Indicadores no título (e linha de apoio) (enquadramento muito forte)	Indicadores no lead (enquadramento forte)
Risco	Centra-se nos efeitos ou conseqüências do fenômeno como perigo calculável ou acontecimento previsível; consideram-se riscos explícitos ou implícitos.	Menção de palavras como “risco”, “tragédia”, “desastre”, ou expressões que indiquem efeitos das MCs (aumento da temperatura, elevação do nível dos mares, maior frequência dos eventos extremos).	Idem aos do título; os riscos implícitos podem ser detectados quando se fala de inundações ou escassez de alimentos, do derretimento do gelo, de ondas de frio e calor e oscilações extremas de temperatura.
Certeza em relação às MCs	Adota a abordagem do IPCC e do PBMC de que as MCs são inequívocas.	Afirmações de que as MCs estão ocorrendo e de que o homem é responsável por parte desse processo.	Idem aos do título; não apresenta perspectiva dos céticos.
Incerteza em relação às MCs	Dá ênfase às contradições ou à falta de certezas; destaca as incertezas científicas.	Menção a palavras como “incerto”, “controvérsia”, ou expressões que signifiquem a falta de consenso entre os cientistas; dá espaço aos chamados climacéticos.	Idem aos do título; apresenta fontes céticas ou duelo entre especialistas com visões diferentes.

Enfrentamento	Trata de ações ou propostas de prevenção, mitigação ou adaptação; pode dizer respeito às falhas ou críticas do processo de enfrentamento.	Menção a palavras como conscientização, combate e redução de emissões, sistema de alertas para eventos extremos.	Idem aos do título; apresenta medidas para enfrentar os riscos das mudanças climáticas, sejam elas ações simbólicas (como a Hora do Planeta), sejam ações reais (acordo da COP-19).
Responsabilização	Aponta quem deve ou deveria se mobilizar para enfrentar as MCs; também inclui aqueles que se opõem a adotar medidas nesse sentido.	Menção de palavras e expressões como “responsável”, “papel do”, “dever do”; também pode aparecer a ideia de culpados pelo quadro atual.	Afirmações ou palavras atreladas à responsabilização; aparecem neste corpus especialmente nas discussões políticas da COP-19 sobre a responsabilidade de reduzir emissões entre países desenvolvidos e em desenvolvimento.

Quadro 1: Exposição dos enquadramentos utilizados para a análise

É preciso sublinhar que o grau de força apontado para cada aspecto da notícia, título/linha de apoio e *lead*, correspondentes a muito forte e forte, está associado à lógica jornalística e à sua hierarquização (na qual as principais informações aparecem primeiro). Ainda que o título – por ter além da função informativa, a persuasiva – possa valorizar um determinado aspecto para se tornar mais atraente, aquilo que é mais relevante, aos olhos dos jornalistas, costuma ser destacado. Lembra-se também que, tendo em vista as categorias apresentadas, mais de uma delas pode ser detectada na análise de cada parte da notícia, já que um título ou *lead* pode apresentar a certeza em relação à mudança do clima e, ao mesmo tempo, tratar de seu enfrentamento ou de seus riscos.

Os enquadramentos muito fortes são verificados nos títulos e subtítulos (ou linhas de apoio da notícia). Há algumas notas e notícias de agências que não apresentam subtítulos, mas, quando constam, geralmente, reforçam a ideia do título. O gráfico a seguir mostra a recorrência dos enquadramentos encontrados nesta parte do texto, que é a “porta de abertura” ou chamamento do leitor para continuar a leitura da notícia. Há algumas poucas notícias (seis)⁵ que não remetem em seus títulos a nenhum dos enquadramentos construídos, entretanto, apresentam tais menções no texto. Logo, neste gráfico, estas foram contabilizadas em “Outros”:

Destaca-se que três das quatro notícias que estão enquadradas a partir da certeza de que as mudanças climáticas estão ocorrendo e/ou que o homem tem responsabilidade no processo acabam trazendo a ideia de risco implícito (há certeza de que viveremos as consequências das MCs). Os títulos analisados sobre os enquadramentos da certeza, que trazem, em alguma medida, o do risco seguem: “Aquecimento global é inequívoco”, “Homem eleva desequilíbrio radioativo” e “Cientistas concluem que planeta está ameaçado”. A quarta notícia deste enquadramento, “Cientistas da

⁵ São elas: “O clima não respeita fronteiras”; “Estudo diz que aquecimento global gera mais bancos de gelo na Antártica” “Iceberg de 720km se desprende da Antártica”; “Muda o perfil da poluição nacional!”, “ONU nomeia brasileiro para painel sobre clima” e “Ativistas deixam conferência sobre o clima em Varsóvia”.

ONU culpam mais claramente o homem por aquecimento global”, associa a perspectiva da certeza com a da responsabilização ao afirmar que o homem é culpado pelo aumento da temperatura média no planeta.

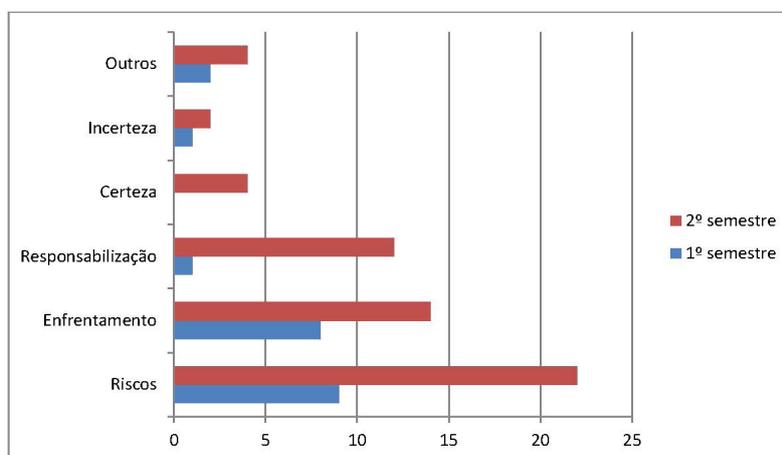


Gráfico 3: Recorrências dos enquadramentos apresentados nos títulos e subtítulos

O aspecto contrário, calcado na incerteza científica, apareceu somente em três títulos do *corpus*: 1) “Desaceleração do aquecimento global intriga cientistas”; 2) “Hiato’ em aquecimento global não deve durar, diz ONU”, que é acompanhado pelo seguinte subtítulo: “Aumento mais lento das temperaturas nos últimos 15 anos encorajou céticos que desafiam as evidências sobre mudança climática causada por humanos e questionam a necessidade de ação urgente”, e 3) “Climacéticos’ dominam debates no 1º dia do IPCC”. Estas duas alusões aos céticos não significam, contudo, que sua compreensão seja adotada por completo nas notícias – este é um dos limites da categorização. A disputa entre a certeza e a incerteza científica, ou entre os cientistas que seguem os apontamentos do IPCC e os contrários, ganha espaço, nestes casos, porque a polêmica também é um valor-notícia relevante. Ao contrário de outros países, como EUA, em que a ênfase nas incertezas das mudanças climáticas teve espaço na mídia, no Brasil tais notícias geralmente aparecem de forma eventual, como pode ser constatado na análise da *Gazeta do Povo*.

O enquadramento da responsabilização pode trazer, de forma mais ou menos explícita, a questão do enfrentamento. Estes são dois enfoques que costumam estar interligados, pois quem é responsabilizado, é chamado a enfrentar o problema. Optou-se pela separação em categorias diferentes a fim de notar o quanto a imprensa está preocupada em dar destaque para este aspecto, já que se compreende que, como instituição social e espaço de visibilidade dos fatos de interesse público, o jornal também tem uma função a ser cumprida: a de informar, com diferentes perspectivas, o que está ocorrendo a fim de que o público possa exercer sua cidadania com conhecimento (sendo cobrando os responsáveis por medidas mais amplas, seja alterando atitudes no âmbito individual).

Na análise, encontramos o enquadramento da responsabilização (12 notícias) logo abaixo do de enfrentamento (14 notícias). No primeiro caso, elas predominam

na cobertura da COP-19, que tentou construir as bases de um pacto sobre emissões globais que estava previsto para ser firmado em 2015. Contudo, as divergências políticas (que, é claro, envolvem a questão econômica) geraram notícias com títulos como “Brasil propõe apontar culpados pelo efeito estufa” e “Países ricos se opõem a medir a culpa por efeito estufa”. O enquadramento da responsabilização também aparece em notícias que cobram iniciativas governamentais, como em “Bioclima aguarda regulamentação há um ano” e “Prefeituras ignoram risco de desastres” (esta última com presença também do enquadramento dos riscos).

Já o enquadramento do enfrentamento foge das divergências e dá saliência a ações ou cobranças em relação ao tema, como nestes exemplos: “Sistema vai prever catástrofe com até três dias de antecedência”, “Obama lança programa para combater mudanças do clima”, “Combate a buraco da camada de ozônio freou as emissões de CO₂”, “COP-19 quer definir medidas para reduzir emissões de poluentes” e “Conferência da ONU consegue aprovar verba para controlar o desmatamento”. Lembra-se que como os *frames* da responsabilização e do enfrentamento são complementares podem ser identificados em um mesmo título, como são os casos de “Após um estudo desses, espera-se que algo seja feito pelos políticos”, no qual o relatório científico é compreendido como uma ação de enfrentamento, e de “Divergências políticas travam ações para conter o aquecimento global”, que tem no subtítulo a ideia de redução das emissões aliada ao impasse da divisão de responsabilidades entre os países.

Como já era previsto a partir do estudo de Painter (2013), os títulos das notícias sobre mudanças climáticas que predominam são aqueles atrelados aos riscos, aos acontecimentos previsíveis que trazem consequências para aquilo que se julga já conhecer bem (como as estações do ano, os regimes de chuva, a temperatura média, etc.). Tais previsões do que poderão ocorrer em virtude das mudanças climáticas não são colocadas, na maioria das vezes, como algo explícito (ou seja, mencionando a palavra risco), mas tornam-se evidentes a partir dos inúmeros exemplos de resultados negativos para o meio ambiente e para a vida humana decorrentes do fenômeno. Do total de notícias, 31 (9 no 1º semestre e 22 no 2º) delas buscavam atrair o leitor com alguma informação que está vinculada à ideia de risco, como: “Temperatura subiu mais nos últimos 150 anos, diz estudo”, “Aquecimento global oferece maior risco à agricultura, aponta estudo”, “Degelo no Ártico foi recorde no ano passado”, “Temperatura deve subir até 6°C no Brasil até o final do século”, “IPCC: Amazônia pode perder 70% da área caso estação seca aumente” e “Aquecimento põe em risco 57% das espécies de árvores”.

Após categorização dos títulos e subtítulos, considerados como enquadramentos muito fortes, partiu-se para a análise dos *leads*, os parágrafos iniciais das notícias que, teoricamente, teriam que trazer os aspectos fundamentais do texto (O que? Quando? Quem? Onde? Como? Por que?). O enquadramento do *lead* é considerado forte por trazer os aspectos prioritários do texto e, ao mesmo tempo, ser a abertura da notícia. Nos 72 *leads* mapeados, assim como já foi constatado na investigação

dos títulos, o enquadramento dos riscos foi o mais frequente, aparecendo 27 vezes. O gráfico a seguir mostra o resultado geral desta parte da análise:

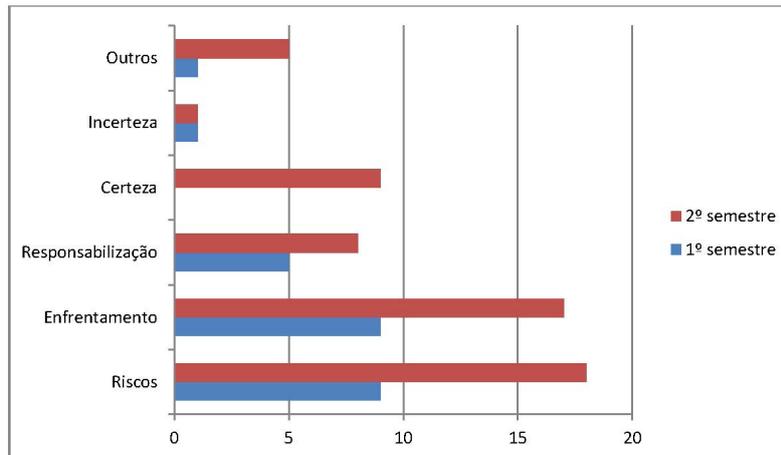


Gráfico 4: Recorrências dos enquadramentos apresentados nos leads

Em razão do *lead* ser maior que o título e o subtítulo, sendo geralmente um parágrafo, muitas das notícias apresentaram dois enquadramentos neste momento: riscos e certeza; riscos e responsabilização, e até mesmo certeza e incerteza. Por isso, a contagem total extrapola o número de *leads* analisados. Pontua-se também que em “Outros” ficaram *leads* interrogativos ou que se detiveram a relatar o lançamento de algum estudo, não sinalizando para nenhuma das questões da pesquisa.

Percebe-se também que, ao comparar os enquadramentos dos títulos e subtítulos com os dos *leads*, os enquadramentos de enfrentamento ficaram mais frequentes, aproximando-se mais daqueles que tratam dos riscos. Nas matérias da cobertura da COP-19, o corte das emissões de gases de efeito estufa fica em evidência, assim como as divergências existentes entre países ricos e pobres, especialmente no que diz respeito à sua responsabilidade histórica sobre as MCs. A divulgação das propostas de enfrentamento são seguidas, em muitas das matérias, do debate sobre quem deve mesmo se responsabilizar por elas.

Como foi visto na análise dos títulos, o enquadramento da incerteza é pontual, o que também faz com que a certeza seja tomada como ponto de partida e nem sempre reiterada (na análise ela se fez presente especialmente como resultado do 5º relatório do IPCC). Nos *leads*, assim como nos títulos e subtítulos da *Gazeta do Povo*, é o *frame* dos riscos o que tem mais recorrências, mesmo com a cobertura quase diária da COP-19, que começou no dia 7 de novembro e seguiu até o dia 24 do mesmo mês.

Dessa forma, nota-se que o enquadramento predominante do jornal em análise (muito forte e forte) é aquele do risco, das consequências negativas que já são previsíveis – tanto em termos econômicos, quanto no que tange às alterações nos ecossistemas, na produção agrícola ou na saúde humana. Os possíveis impactos da mudança do clima representam o enquadramento principal – pensando na sua repetição – no jornal investigado. Alterações nos regimes de chuva, aumento ou diminuição do

volume dos rios, maior frequência de eventos extremos, secas prolongadas, impactos na economia, na produção de alimentos, na pesca, no setor de geração de energia, no fornecimento de água e até migrações forçadas são citados em diferentes notícias como efeitos (alguns já percebidos) das mudanças climáticas. Em razão de tais consequências estarem ligadas a um futuro próximo e carregarem o sentido da ameaça, de alerta daquilo que pode acontecer se não fizermos algo, mostram-se uma fórmula ou maneira fácil de emoldurar o assunto, tornando-o mais atraente (afinal, para que servem as notícias se elas não despertarem a atenção dos leitores?).

4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O jornal *Gazeta do Povo*, seguindo a tendência brasileira na cobertura jornalística das alterações climáticas, não enfatiza o *framing* da incerteza, já que o entendimento geral das vozes que aparecem nas notícias é de que o clima está mudando e que o homem contribui de forma significativa para o aceleração deste fenômeno (IPCC, 2013). Constata-se um entendimento geral sobre tais afirmações, o que se reflete no fato que o próprio enquadramento da certeza deixa de ser uma opção, ou algo que possa se tornar notícia, visto que é uma informação já sabida (e aquilo que não é novidade deixa de ser notícia). A discussão bastante presente em análise da cobertura midiática das mudanças climáticas, especialmente nos EUA (Boykoff & Boykoff, 2004; 2007), sobre a questão do equilíbrio dado aos cientistas que acreditam nas alterações do clima causadas pelo homem e aqueles que as consideram como algo natural, não tem a mesma acuidade no Brasil.

As pesquisas voltadas para as questões climáticas na mídia brasileira, embora escassas, revelam que há uma oscilação no tratamento dado ao tema (como foi identificado por Vivarta (2010) no período de 2005 a 2008). Esta é uma tendência que já foi averiguada nas notícias ambientais de forma geral (Hansen, 2010) e, quando falamos de clima, ela ganha espaço em divulgação de grandes relatórios (como o do IPCC), na realização das COPs e, eventualmente, quando ocorrem desastres decorrentes ou relacionados a este processo. Ou seja, a cobertura sobre mudanças climáticas não é contínua e precisa sempre de um novo acontecimento (uma nova pesquisa, um novo impacto, uma nova polêmica) para se tornar pauta.

Como é de se imaginar, as pesquisas que analisam somente os períodos de realização das COPs acabam refletindo a disputa dos campos político e econômico (Girardi *et al.*, 2013), já que o objetivo do encontro é buscar um acordo internacional que envolve implicações econômicas. Na análise, notou-se a correlação entre o macroenquadramento político e os enquadramentos da responsabilização e enfrentamento, que aponta, justamente, para o embate entre quem pode ou deve fazer mais em prol de um problema global. No estudo de González (2014), no qual ele compara os enquadramentos da *Folha de São Paulo* (Brasil) e *Clarín* (Argentina) durante as COP-18 e COP-19, há uma correspondência com esta análise no sentido de reconhecimento do problema das mudanças climáticas, seja pelo enquadramento da certeza, seja pelo dos riscos. Também coincidem os enquadramentos quanto à

responsabilização, no qual os países desenvolvidos são postos como aqueles que têm uma dívida histórica de emissões e, por isso, hoje devem liderar com a redução das mesmas. Esta divergência entre países afasta a discussão do enfrentamento de ações mais locais, uma lacuna que também aparece quando analisamos as poucas recorrências em relação à abrangência local/regional e mesmo nacional.

De outro modo, a divulgação dos relatórios, geralmente mais centrada no caráter científico da questão, acaba sendo tratada pelos resultados, que consistem em previsões das consequências – o que também acontece nos demais estudos científicos. Esta relação pode ser feita na análise exposta: o macroenquadramento mais frequente é científico e o enquadramento dos riscos é o que também mais aparece na segunda etapa da análise. Essas predominâncias revelam indícios sobre o modo como jornalistas tendem a salientar determinados aspectos nos textos quando precisam escrever sobre estudos científicos. O resultado difere daquele apresentado por Carvalho *et al.* (2011), quando verificou que as representações midiáticas nos principais impressos portugueses⁶ entre 1990 e 2007 tinham um grande enfoque político. Entretanto, o estudo coordenado por Vivarta (2010: 47) sobre os jornais brasileiros já aponta para uma maior recorrências para os enquadramentos ligados aos impactos ambientais da questão, considerado por ele como aqueles de viés ambiental (43,4% em 2005/2007 e 45% em 2007/2008), seguido então do enfoque econômico/financeiro (15,6% e 18,7% nos períodos já citados) e só então do político (com 11,5% e 15,5% respectivamente). Na categorização apresentada neste artigo as matérias com enfoque ambiental estariam vinculadas ao macroenquadramento científico e ao enquadramento dos riscos, coincidindo, então, os resultados sobre a cobertura brasileira do tema.

A pesquisa coordenada por Vivarta (2010) assinala a necessidade de uma transversalização desta discussão, visto que o tema mudanças climáticas é posto, muitas vezes, como um problema exclusivamente ambiental por boa parte dos 50 jornais analisados. A análise feita na *Gazeta do Povo*, de certo modo, ratifica este indicativo ao verificar que a abordagem do assunto é fragmentada na medida em que as matérias que estão macroenquadradas como científicas dificilmente tratam de aspectos políticos ou econômicos (a divulgação de um estudo a respeito do clima não extrapola outras interfaces da questão, por exemplo) e assim acontece com os demais macroenquadramentos (a escolha por uma abordagem limita a exposição da complexidade da temática). Esta setorização do assunto é típica do fazer jornalístico que separa os assuntos por editoriais de modo a dar conta da rotina do inesperado. No relatório da pesquisa sobre a cobertura do tema nos jornais do Brasil, afirma-se que é preciso que o tema contemple: “[...] não apenas os aspectos técnicos relacionados ao fenômeno, mas também [traga] para o centro da discussão questões relativas à política, à economia e ao comportamento” (Vivarta, 2010: 64).

Os macroenquadramentos econômicos (isto é, que relacionam as mudanças do clima a oportunidades de negócio e aos prejuízos econômicos derivados da questão)

⁶ *Público, Correio da Manhã, Visão e Expresso.*

foram minoritários, talvez até porque a discussão sobre o tema esteja em um estágio de alertar a população sobre o problema, e não sobre como é possível ganhar ou evitar perdas a partir disso. Como já foi mostrado, as MCs ainda estão distantes do dia a dia do leitor. O fato de que, atualmente, em Curitiba – e em grande parte do Brasil – os impactos dessa mudança são pouco ou nada perceptíveis à população, ou ainda estão atrelados a outras questões, como planejamento urbano ou má gestão, contribui para esta compreensão. Tal explicação também serve ao macroenquadramento dos desastres, que raras vezes consegue abordar o acontecimento e relacioná-lo às previsões das mudanças climáticas.

Em seu estudo Vivarta (2010) sinalizou que houve uma mudança da abordagem do risco, que dá ênfase aos impactos climáticos, a uma abordagem mais atenta às estratégias de enfrentamento, logo, de caráter mais preventivo. Este aspecto não foi completamente comprovado no ano de 2013 no jornal estudado, visto que o enquadramento de risco prevaleceu em relação ao do enfrentamento. Porém, o fato do enquadramento do enfrentamento ser o segundo mais recorrente no *corpus* dá pistas de que os aspectos preventivos estão sendo salientados, o que permite inferir que a mudança na abordagem das MCs ainda esteja em processo.

Lembra-se ainda que os momentos político-econômicos são diferentes nas duas análises: a pesquisa de Vivarta ocorreu antes da COP-15, em 2009, quando havia uma expectativa global sobre decisões importantes acerca do enfrentamento do clima, mas que foi frustrada devido à falta de comprometimento e consenso dos tomadores de decisão da ocasião. Desde então, as COPs já não despertam tanto interesse, visto que são poucas as ações decorrentes das negociações anuais. A crise da União Europeia, desencadeada a partir de 2011, assim como outros fatores econômicos (a recuperação do Japão depois do desastre tecnológico-ambiental de Fukushima, por exemplo), fizeram com que os holofotes da mídia mudassem de direção e o próprio apagamento da questão na esfera midiática pode gerar enquadramentos mais alarmistas (centrados nos riscos) para que o assunto tenha algum espaço diante de um cenário restrito.

Por fim, vale mencionar que, apesar dos *framings* utilizados na análise de Painter (2013) sobre a cobertura das mudanças climáticas serem outros, há uma coincidência em termos de predominância do que ele chama de risco implícito (são as consequências negativas não explicitamente tomadas como riscos) e que aqui consideramos somente como riscos (sejam eles implícitos ou explícitos). Nesta análise, foram poucas as vezes em que a palavra risco se fez presente, embora seu sentido/ideia aparecesse muitas vezes.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mapeamento e as recorrências dos macroenquadramentos e dos enquadramentos propostos nos ajudam a entender de que maneira o tema mudanças climáticas é mais frequentemente apresentado, e quais são as saliências ou destaques que os jornalistas que escrevem ou editam o material que chega das agências noticiosas

estão utilizando para chamar a atenção dos leitores. Como foi visto, não há ênfase para a incerteza, contribuindo para uma compreensão real e, muitas vezes, urgente do fenômeno. A repetição dos enquadramentos dos riscos parece querer alertar para a necessidade de uma ação, embora não seja possível afirmar aqui se este efeito de fato ocorra. Podemos avançar as hipóteses de que este tipo de enquadramento seja mais acionado pela tentativa de aproximação da questão com o cotidiano das pessoas e/ou pelo fato de que os riscos são mais apelativos que as soluções (especialmente quando não um consenso de que temos de fazer algo), critérios atrelados à determinação do que será ou não notícia.

A questão da prevenção e/ou enfrentamento dos riscos aparece como o segundo enquadramento mais utilizado na análise realizada nos títulos e leads das notícias da *Gazeta do Povo*. A perspectiva do risco predomina, mas há também o olhar que aponta para a ação em relação a eles. Tal predominância pode ser decorrente da própria lógica do gancho jornalístico que tende a cobrir aquilo que está atrelado ao novo e ao palpável/materializável. Muitas das notícias sobre mudanças climáticas que foram publicadas em 2013 partiram da divulgação de estudos e/ou relatórios, evidenciando o caráter da novidade. Também as notícias sobre a COP-19 tinham essa relação com o factual, com os acontecimentos do dia. Já a prevenção é algo da ordem da rotina, da continuidade, do esperado, que foge à dinâmica do inusitado e não esperado que move a produção das notícias. Logo, exige que os jornalistas se debrucem mais sobre as interligações e complexidade dos temas para tratar do assunto, e ainda assim busquem relacioná-la com os riscos (ou aquilo que desencadeia a necessidade de prevenção). E, quando risco e prevenção disputam espaço nos títulos e demais chamadas, aquilo que despertar com mais facilidade a atenção do leitor tende a ser escolhido.

Sobre a questão da responsabilização e de como os cidadãos são inseridos na notícia quando se trata do enfrentamento das mudanças climáticas, notou-se que a resolução dos problemas do clima é representada como muito afastada dos leitores comuns, havendo uma ênfase nos acordos globais e em medidas governamentais. Este macroenquadramento global é pertinente e necessário, mas sua desconexão com as situações locais (com os estilos de vida, as práticas de consumo e os próprios resultados destas escolhas) afasta ou desvincula as pessoas de suas responsabilidades frente a um problema que afeta todos, ainda que de formas diferenciadas. É difícil pensar em uma ação em nível local a partir daquilo que as notícias ressaltam. Acredita-se que o link das mudanças globais com as locais precisa ter mais espaço nas notícias de modo a aproximar o assunto do cotidiano dos leitores e aí, quem sabe, promover o interesse ou a preocupação que gere uma atitude em relação às alterações climáticas.

Sublinha-se que a *Gazeta do Povo* não disponibilizou um espaço significativo no ano de 2013 para a discussão da incerteza sobre mudanças climáticas. O que é publicado tem como fonte recorrente o IPCC e adota quase majoritariamente sua posição, não fomentando a dúvida sobre a existência ou não das alterações do clima, nem mesmo a contribuição das atividades humanas neste processo.

Em relação à comparação com o 1º e 2º semestres, ressalta-se que apesar dos eventos programados a respeito das mudanças do clima (divulgação dos relatórios do IPCC e do PBMC, e realização da COP-19) gerarem um aumento no número de notícias (de 21 para 51), os macroenquadramentos não sofreram alterações significativas, ainda que os aspectos político-econômicos conseguissem obter mais evidência durante o encontro ocorrido em Varsóvia, quase equiparando-se ao macroenquadramento científico no 2º semestre. A cobertura destes eventos também está relacionada com o aumento de notícias de abrangência global publicadas no citado período, já que as discussões no âmbito da Conferência das Partes focam-se nas relações internacionais.

REFERÊNCIAS

- Boykoff, M. & Boykoff, J. (2004) "Balance as Bias: Global Warming and the US Prestige Press", *Global Environmental Change*, 14:25-136.
- Boykoff, M. T.; Boykoff, J. M. (2007) "Climate Change and Journalistic Norms: A Case-Study of US Mass-Media Coverage", *Geoforum*, 38 (6):1190-1204.
- Carvalho, A. (2000a) "Discourse Analysis and Media Texts: a Critical Reading of Analytical Tools", paper presented at the *International Conference on Logic and Methodology*, RC 33 meeting (International Sociology Association), Köln, 3-6 October.
- Carvalho, A. (2000b) "Opções Metodológicas em Análise de Discurso: Instrumentos, Pressupostos e Implicações", *Comunicação e Sociedade 2*, Cadernos do Noroeste, Série Comunicação, 14 (1-2):143-156.
- Carvalho, A.; Pereira, E.; Rodrigues, A. T.; Silveira, A. P. (2011) "A Reconstrução mediática das alterações climáticas", in Carvalho, A *As Alterações Climáticas, os Media e os Cidadãos*. Coimbra: Grácio Editor.
- D'Angelo, P. (2002) "News framing as a multiparadigmatic research program: A response to Entman", *Journal of Communication*, 52:870-888.
- Entman, R. (1993) "Framing: Toward Clarification of a Fractured Paradigm", *Journal of Communication*, 43 (4):51-8.
- Fabrino Mendonça, R. & Simões, P.G. (2012) "Enquadramento: Diferentes Operacionalizações Analíticas de um Conceito", *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 79 (27):187-235.
- Girardi, I.; Massierer, C.; Moraes, C.; Loose, E.; Neuls, G.; Camana, A.; Gertz, L. (2013) "Discursos e Vozes na Cobertura Jornalística das COP15 e 16", *Em Questão - Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS*, 19 (2): 176-194.
- González, L. (2014) "El Framing como Legitimación de la Política Climática. Encuadres del Cambio Climático en la Presa Argentina y Brasileña durante las Conferencias de Doha y Varsovia". *Anuario Electrónico de Estudios en Comunicación Social "Disertaciones"*, 7 (1), Artículo X. Disponível em: <http://revistas.saber.ula.ve/index.php/Disertaciones/> [consultado em agosto de 2014].
- Hansen, A. (2010) *Environment, Media and Communication*, London and New York: Sage.
- Painter, J. (2013) *Climate Change in the Media - Reporting Risk and Uncertainty*, London: I.B. Tauris & Co. Ltd.

- Sádaba, T. (2001) *Framing: Elencuadre de las Noticias: El Binômio Terrorismo-Medios*, Buenos Aires: La Crujía Ediciones.
- Soares, M. C. (2009) *Representações, Jornalismo e a Esfera Pública Democrática*, São Paulo: Cultura Acadêmica.
- Vivarta, V. (coord.) (2010) *Mudanças Climáticas na Imprensa Brasileira: Uma Análise Comparativa de 50 Jornais nos Períodos de Julho de 2005 a Junho de 2007- julho de 2007 a dezembro de 2008* (Relatório de Pesquisa/2010), Brasília -DF: Agência de Notícias dos Direitos da Infância (Andi).